

# MAS E EMBORA: UMA DESCRIÇÃO SEMÂNTICA E ARGUMENTATIVA

Leandro Santos de Azevedo (UERJ)  
dr.macunaima@ig.com.br

## 1. Introdução

Durante algum tempo de estudos voltados para a área de letras, especificamente para a formação, estrutura e o funcionamento da língua portuguesa, foi observado que pouco se falava de questões acerca de períodos compostos por coordenação e subordinação que fossem além de uma ótica estrutural. Tudo o que se via era apenas aquela enfadonha e inócua sistematização formal desses períodos e suas conjunções, tal qual é vista nas gramáticas prescritivas.

Assim, este trabalho tem por objetivo descrever o valor semântico e argumentativo das conjunções *mas* e *embora*, deixando de lado aquela inadequada e ultrapassada descrição formal das mesmas presente ainda em textos escolares e na formação de muitos professores de língua materna. Somado a isso, serão descritos os valores da semântica argumentativa que fundamentam o trabalho a fim de melhor compreendermos os aspectos interativos e persuasivos da linguagem e as escolhas feitas pelos enunciadores. Além disso, serão aludidas as duas noções básicas de escala e classe argumentativas, elementos da teoria cunhada por Oswald Ducrot.

## 2. As conjunções *mas* e *embora*

Criador da semântica argumentativa (ou semântica da enunciação), Oswald Ducrot (1976, 1981, 1987) chamou certos elementos da gramática de uma língua de “operadores argumentativos”. Estes têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados, a direção, o sentido para o qual apontam.

A fim de explicar o funcionamento desses elementos, Ducrot utilizou duas noções básicas: as de “escala argumentativa” e as de “classe argumentativa”. “Uma *classe argumentativa* é constituída de um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para (apontam para: →) uma mesma conclusão”. (DUCROT *apud* KOCH, 2007, p. 30)

Já a “escala argumentativa” ocorre “Quando dois ou mais enunciados de uma classe se apresentam em gradação de força crescente no sentido de uma mesma conclusão”. (*Id., ibid.*, p. 30)

Após essa breve elucidação, basta-nos apenas mostrar quais são os principais “operadores argumentativos” em língua portuguesa: os que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão (até, mesmo, até mesmo, inclusive); os que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão (e, também, ainda, nem, não só... mas também, tanto... como, além de..., além disso..., a par de... etc.); os que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores (portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, consequentemente etc.); os que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas (ou, ou então, quer... quer, seja... seja etc.); os que estabelecem relações de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão (mais que, menos que, tão... como etc.); os que introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior (porque, que, já ainda, agora etc.); os que se distribuem em escalas opostas, isto é, um deles funciona numa escala orientada para a afirmação total e o outro, numa escala orientada para a negação total (um pouco, pouco, apenas, quase etc.); e os que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias (mas, embora etc.). São estes últimos que nos interessam aqui.

## 2.1. O valor semântico do *mas*

Conforme Neves (2011), há aspectos especiais marcados pelo uso do *mas* nas relações de desigualdade. Essa desigualdade é utilizada para a organização da informação e para a estruturação da argumentação. Isso, segundo a mesma autora, implica na manutenção de um dos membros coordenados e a sua negação.

O valor semântico do *mas* tem especificações consoante a sua distribuição. Quando inicia sintagmas, orações ou enunciados, o *mas* pode indicar somente contraposição ou, mais fortemente, eliminação. Designando contraposição, a oração que o *mas* inicia não elimina o elemento anterior. Antes, admite-o explícita ou implicitamente, mas a ele se contrapõe. Observe as manchetes:

(1) IPVA 2011 até 7% mais barato no Rio. Mas seguro obrigatório fica mais

caro.<sup>36</sup>

(2) Deputado recebe salário, mas não aparece na Câmara desde julho.<sup>37</sup>

Na primeira manchete, a contraposição se dá a partir da utilização do contraste entre expressões de significação oposta: de um lado, o IPVA mais barato 7%, e, do outro, o seguro mais caro; tudo isso no ano de 2011, no Rio de Janeiro. O contraste se dá, portanto, entre as expressões “mais barato” e “mais caro”.

Já na segunda manchete, a contraposição se dá a partir da utilização do contraste entre o positivo e o negativo: o deputado recebe salário (positivo) e ainda assim não aparece na Câmara desde o mês de julho (negativo). A matéria fala sobre o primeiro político a ser condenado pelo Superior Tribunal Federal, o deputado federal José Fuscaldi.

Por outro lado, designando eliminação, a oração iniciada pelo *mas* elimina o membro coordenado anterior. Suposta ou expressa essa eliminação, o elemento eliminado pode ser, ou não, substituído. Observe:

(3) O chikungunya apresenta sintomas parecidos com os da dengue e mata menos, mas causa dores muito intensas.<sup>38</sup>

(4) A atriz, que um dia já frequentou as páginas policiais por causa de escândalos com o ator Felipe Camargo, de quem se separou em 1995, mudou muito nos últimos 15 anos. Mas não se arrepende de nada.<sup>39</sup>

(5) Cristina frequentemente salienta os esforços do seu governo para redistribuir riqueza no país, mas críticos dizem que os distúrbios são resultado das desigualdades sociais e da negligência governamental com as áreas pobres.<sup>40</sup>

Esses textos expressam bem a eliminação. No primeiro trecho, a constatação de que o vírus chikungunya, transmitido pelo mesmo mosquito que transmite a dengue, mata menos e apresenta sintomas parecidos com os da dengue é desprezado com a informação em foco na oração

---

<sup>36</sup> <http://oglobo.globo.com>. Acesso em: 14-12-2010.

<sup>37</sup> <http://www.tce.mt.gov.br/conteudo/download/id/22974>. Acesso em: 11-01-2011.

<sup>38</sup> [http://odia.terra.com.br/portal/cienciaesaude/html/2010/12/mortes\\_por\\_dengue\\_no\\_rio\\_disparam\\_130968.html](http://odia.terra.com.br/portal/cienciaesaude/html/2010/12/mortes_por_dengue_no_rio_disparam_130968.html). Acesso em: 14-12-2010.

<sup>39</sup> [http://odia.terra.com.br/portal/diversaoetv/html/2010/12/vera\\_fischer\\_se\\_lanca\\_no\\_mundo\\_literario\\_com\\_serena\\_e\\_diz\\_que\\_ja\\_tem\\_outros\\_dez\\_livros\\_na\\_gaveta\\_130988.html](http://odia.terra.com.br/portal/diversaoetv/html/2010/12/vera_fischer_se_lanca_no_mundo_literario_com_serena_e_diz_que_ja_tem_outros_dez_livros_na_gaveta_130988.html), Acesso em 14-12-2010.

<sup>40</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/845784-cristina-kirchner-acusa-rivals-de-estimularem-desordem-na-argentina.shtml>. Acesso em: 14-12-2010.

subsequente: “causa dores muito intensas”. Ou seja, o fato de essa doença matar menos que a dengue não é sobressalente se levarmos em consideração que ela causa dores fortíssimas.

No segundo excerto, observamos que a eliminação se dá com a afirmação de que a atriz Vera Fischer em nada se arrependeu dos erros cometidos em seu passado. Essa eliminação é percebida pela oposição estabelecida pela conjunção *mas* somada ao pronome “nada”, que retoma os erros da atriz: anáfora.

Já no terceiro fragmento, a eliminação é constatada no início do discurso crítico que rejeita os “esforços” do governo argentino. Ao dizerem que os distúrbios na redistribuição da riqueza no país são resultado das desigualdades sociais e da negligência do governo de Cristina Kirchner, os críticos negam os pseudoesforços da presidenta.

Além disso, o *mas* tem empregos que só ocorrem em início de enunciado obedecendo a determinações pragmáticas. Nessas construções, ele também indica contraposição e eliminação.

## **2.2. As relações expressas pelas conjunções concessivas: o valor semântico do embora**

Uma das definições mais aceitas entre os estudiosos para a construção de argumentos concessivos é a que diz que há uma combinação de uma oração chamada principal e outra chamada concessiva. Nessa estrutura, observamos um fato (ou noção) expresso que em nada invalida a mensagem contida na oração principal. Isso significa que o que é expresso na oração principal é afirmado, assegurado, dado como certo, apesar do enunciado contido na oração subordinada adverbial concessiva. Segundo Neves (2011, p. 865):

Numa construção *concessiva*, vista a partir do esquema lógico, pode-se chamar *p* à oração *concessiva* e *q* à principal. Trata-se de uma construção *concessiva* quando *p* não constitui razão suficiente para *não q*:

“embora *p*, *q*” → “*p* verdadeiro e *q* independente da verdade de *p*”

Em outras palavras, pode-se dizer que, apesar de o fato (ou evento) expresso em *p* constituir uma condição suficiente para a não realização do fato (ou evento) expresso em *q*, *q* se realiza; e, nesse sentido, se pode dizer que a afirmação de *q* independe do que quer que esteja afirmado em *p*.

Além disso, três grandes grupos de construções ligadas a uma oração concessiva são previstos: os grupos factuais ou reais; os contrafac-

tuais ou irrealis; e os eventuais. Os grupos que aqui nos importam são os factuais ou reais e os eventuais, uma vez que a expressão típica da relação contrafactual não se faz com a conjunção *embora*, objeto de nossa análise, mas com conjunções do tipo de “mesmo que”, “ainda que”, “nem que”.

No primeiro grupo, concessivas factuais ou reais, tanto a oração concessiva quanto a oração principal devem ser verdadeiras para que a asserção global também seja verdadeira. “Isso significa que a enunciação de uma factual implica a realização dos conteúdos tanto de *p* [oração concessiva] quanto de *q* [oração principal].” (NEVES, 2011, p. 867). Observe:

(6) Embora permitida, parada de carro da Guarda Municipal sobre calçada é criticada por moradores.<sup>41</sup>

(7) Até agora, a disputa tem sido equilibrada, embora Ronaldo seja o mais eficiente.<sup>42</sup>

Em (6), a assertiva da oração concessiva é verdadeira, ou seja, os carros da Guarda Municipal têm permissão para estacionar sobre a calçada. Porém, isso não invalida a crítica de moradores que creem que os mesmos devem dar o exemplo à população, não estacionando seus carros no passeio público.

Da mesma forma, em (7), a proposição expressa na oração concessiva, de que o jogador português tem sido o mais eficiente nas partidas, é verdadeira. Isso, porém, não invalida a mensagem manifesta na oração principal: a disputa entre o Real Madrid e o Barcelona, e, portanto, a disputa entre Cristiano Ronaldo e Lionel Messi, tem sido equilibrada.

Cabe ainda mencionar que as construções factuais podem configurar um factual no presente típico: o verbo da oração principal é expresso no presente do indicativo e o verbo da oração concessiva, no presente do subjuntivo.

Já no grupo das concessivas eventuais, o conteúdo da proposição da oração principal deve ser verdadeiro, mas o conteúdo da concessiva pode ser verdadeiro ou falso. “Isso significa que existe uma incerteza e-

---

<sup>41</sup><http://oglobo.globo.com/participe/mat/2011/04/21/embora-permitida-parada-de-carro-da-guarda-municipal-sobre-calcada-criticada-por-morador-924298897.asp>

<sup>42</sup><http://oglobo.globo.com/blogs/planetaquerola/posts/2011/04/27/real-barca-tira-teima-entre-messi-cristiano-ronaldo-376782.asp>

*pistêmica* sobre a eventual ocorrência do conteúdo proposicional de  $p$  [oração concessiva].” (*Id. ibid.*, p. 867). Note:

(8) Para a inadimplência, a expectativa é de estabilidade até o fim do ano, embora a direção do Bradesco enxergue a possibilidade de alta em algum trimestre.<sup>43</sup>

(9) (...) o presidente Barack Obama poderá anunciar as nomeações amanhã, embora o processo no Senado possa atrasar em algumas semanas a posse dos cargos.<sup>44</sup>

Em (8), a expectativa de estabilidade da inadimplência até o final do ano é verdadeira, mas o conteúdo proposicional da oração concessiva é eventual, ou seja, denota uma dada incerteza: a direção do banco prevê a possibilidade de essa estabilidade se desfazer com uma possível alta em algum trimestre do ano.

E em (9), o mesmo se observa: o anúncio das nomeações feitas pelo presidente americano pode se dar no dia seguinte, mas a incerteza do dia da posse desses cargos é evidente, tendo todo o trâmite que passar por um longo e incerto processo no Senado.

Importante dizer que, nas construções eventuais, todas as predicções são do tipo não télico, isto é, nenhuma delas representa um estado de coisas acabado. Quanto ao tempo e modo verbal dessas construções, a oração concessiva apresenta o verbo no presente ou pretérito imperfeito, geralmente no subjuntivo, e a oração principal tem possibilidade de variação dos tempos verbais (presente – como é o caso do período (8) –, futuro do presente – como é o caso do período (9) – e futuro do pretérito do indicativo). Esses períodos pertencem, portanto, ao grupo das concessivas eventuais.

No mais, apesar das diferenças e subdivisão em grupos, os três tipos têm instaurados em si uma relação de contraste como algo em comum.

---

<sup>43</sup><http://oglobo.globo.com/economia/mat/2011/04/27/bradesco-ve-impacto-de-medidas-do-governo-no-credito-ao-consumo-924330812.asp>

<sup>44</sup><http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/04/27/comandante-das-operacoes-militares-dos-eua-no-afeganistao-sera-nomeado-novo-chefe-da-cia-924330010.asp>

### 3. A argumentação

As construções concessivas indicam que o enunciador presume uma objeção ao seu enunciado, mas essa oposição é por ele rejeitada, prevalecendo, pois, a sua mensagem contida na oração principal. Assim, o que fica implicado é o fato de haver uma hipótese de objeção por parte do enunciador. Nessas construções concessivas, portanto, o enunciador registra, na oração concessiva, uma objeção que ele pressupõe que o coenunciador tenha, e deixa prevalecer, entretanto, a ideia expressa na oração principal.

A argumentação nas construções concessivas em geral pode se resumir na existência de dois argumentos que conduzem a conclusões implícitas contrárias: a oração concessiva ( $p$ ) argumenta em favor da conclusão  $r$ , e a oração principal ( $q$ ) argumenta em favor de não  $r$ . Observe o esquema presente em Neves (1999, p. 558):

$P \rightarrow r$

$Q \rightarrow \tilde{r}$

$Q =$  **argumento mais forte para  $\tilde{r}$  do que  $p$  é para  $r$**

Veja:

(10) Reno afirma estar preparado para o desafio embora as condições do local sejam imprevisíveis.<sup>45</sup>

Imaginando-se um contexto em que Reno está sendo testado, no que diz respeito a sua habilidade e seu preparo para um desafio em *kytesurf*, tem-se:

- $p$  (as imprevisíveis condições climáticas do local) **ARGUMENTA** em favor de  $r$  (as condições climáticas podem invalidar o preparo de Reno);

- $q$  (Reno está preparado para o desafio) **ARGUMENTA** em favor de  $\tilde{r}$  (Reno logrará êxito no desafio independentemente das condições do local);

- **Resultado final:**  $q$  é argumento mais forte (Reno logrará êxito no desafio independentemente das condições do local) do que  $p$  (as con-

---

<sup>45</sup> <http://ricosurf.globo.com/NoticiasRicosurf2.asp?id=12500>. Acesso em: 27-04-2011.

dições climáticas podem invalidar o preparo de Reno).

A partir dessa ideia de uma base essencialmente argumentativa da construção concessiva, podem ser examinadas as similaridades e as diferenças entre as concessivas e as adversativas, *embora* e *mas*, respectivamente. O raciocínio pode ser encaminhado com uma correlação das formulações concessivas, em que o enunciador refuta uma objeção, e com possíveis formulações do tipo adversativo, em que o enunciador admite uma proposição:

(11) Embora a localização exata e o horário da chuva sejam incertos, a previsão afirma que as condições meteorológicas na sexta-feira serão mais suscetíveis a volta de "um tempo mais típico de abril", após dias de sol na Inglaterra.<sup>46</sup>

(12) A localização exata e o horário da chuva são incertos, mas a previsão afirma que as condições meteorológicas na sexta- -feira serão mais suscetíveis à volta de "um tempo mais típico de abril", após dias de sol na Inglaterra.<sup>47</sup>

A operação argumentativa pode assim se ilustrar:

• **Esquema concessivo:**

a) alguém / você **pode objetar** que a localização exata e o horário da chuva sejam incertos, e a previsão não desconhece isso;

b) (**de qualquer modo / ainda assim**) a previsão afirma que as condições meteorológicas na sexta-feira serão mais suscetíveis a volta de “um tempo mais típico de abril”, após dias de sol na Inglaterra.

• **Esquema adversativo:**

a) a previsão **admite** que a localização exata e o horário da chuva sejam incertos;

b) (**de qualquer modo / ainda assim**) ela afirma que as condições meteorológicas na sexta-feira serão mais suscetíveis a volta de “um tempo mais típico de abril”, após dias de sol na Inglaterra.

Segundo Koch (2007, p. 37),

Do ponto de vista semântico, os operadores do grupo do MAS e os do EMBORA têm funcionamento semelhante: eles opõem argumentos enuncia-

---

<sup>46</sup><http://oglobo.globo.com/mundo/casamento-do-ano/mat/2011/04/27/metereologistas-preveem-chuva-em-londres-no-dia-do-casamento-real-924330333.asp>

<sup>47</sup> Este enunciado é uma adaptação do excerto jornalístico.

dos de perspectivas diferentes, que orientam, portanto, para conclusões contrárias. A diferença entre os dois grupos diz respeito à *estratégia argumentativa* utilizada pelo locutor: no caso do *MAS*, ele emprega (...) a “*estratégia do suspense*”, isto é, faz com que venha à mente do interlocutor a conclusão *R*, para depois introduzir o argumento (ou conjunto de argumentos) que irá levar à conclusão  $\sim R$ ; ao empregar o *embora*, o locutor utiliza a *estratégia de antecipação*, ou seja, anuncia, de antemão, que o argumento introduzido pelo *embora* vai ser anulado, “não vale”.

Desse modo, a escolha por um período composto por subordinação ou outro por coordenação revela o intuito do autor. Este optou por escolher a concessão como o início da sua declaração, criando, portanto, um período de estratégia de antecipação, isto é, o autor prepara o seu leitor para uma mensagem em que o foco é contrário àquilo que ele declara no início da sua enunciação. Os enunciadores atribuem papéis a si mesmos e a seus coenunciadores, marcando, portanto, suas atitudes, suas posições no momento da interação. Caso tivesse optado pela coordenação, teria criado a estratégia do suspense, trazendo o impacto para a notícia.

Ademais, tudo isso se valida quando esses significados linguísticos são organizados em textos a fim de conferir relevância à linguagem.

#### **4. Argumentação e estilo**

Tendo em vista que estilo é o modo pelo qual um indivíduo usa os recursos de uma dada língua para exprimir, oralmente ou por escrito, pensamentos, sentimentos, juízos de valor, ou simplesmente para fazer declarações, pronunciamentos, temos de levar em conta que a ordem das construções concessivas obedece a propósitos comunicativos. Sua posição no período coopera para a disposição da informação. Nas construções concessivas puras, ou seja, sem o elemento adversativo presente, tanto pode ocorrer a posposição da oração concessiva, quanto a sua anteposição, além da possibilidade de se intercalar as concessivas dentro da oração principal. O primeiro caso, a posposição da oração concessiva, é bastante regular, principalmente tratando-se da língua falada: primeiro se expressa a asserção nuclear para que depois se expresse a objeção. Nesse caso, o enunciador primeiro faz a sua asseveração para que depois pese os obstáculos, utilizando-os, de certo modo, na defesa do ponto de vista expresso, como em:

(13) A poluição do lodo tóxico que afeta o sudoeste da Hungria chegou ao rio Danúbio, embora com uma concentração de metais pesados reduzida, o que

diminui o risco de contaminação.<sup>48</sup>

Esse tipo de construção tem muito de aditamento, adendo do enunciado, no qual o enunciador se volta ao que acaba de enunciar, ponderando *a posteriori* objeções a sua enunciação. Segundo Neves (2011, p. 880), a “(...) posposição da *oração concessiva* pode ser relacionada com a própria natureza argumentativa da construção, em termos de *interação*.”

Entretanto, é a anteposição da *oração concessiva* que consiste em maior expressividade. Conforme Othon Moacyr Garcia (2004), ao tratar da organização do período, a *oração principal* sempre será mais relevante se levarmos em conta a subordinação de *orações adverbiais*. Para ele, as *orações adverbiais* encerram ou devem encerrar ideias secundárias em relação à *oração principal*. “(...) Quando tal não acontece, é porque o período está indevidamente escrito ou o ponto de vista do autor não coincide com o do leitor no que se refere à relevância das ideias.” (GARCIA, 2004, p. 64-65) Dessa forma, o autor afirma que a escolha da *oração principal* não é gratuita, tampouco a sua posição dentro do período o é, e que o ponto de vista e a situação devem servir de diretrizes para essa escolha.

Assim, o esquema comunicativo nas construções com a *concessiva* anteposta é o seguinte: a) primeiro se refuta uma possível ou previsível objeção do coenunciador; e b) depois se faz a asseveração.

Confrontem-se as possibilidades de construção a seguir: na primeira, a mais enfática, a *oração principal* vem no fim do período; na segunda, precede a subordinada:

(15) Embora muita gente ache que o que está na internet pode ser copiado, reproduzido e utilizado da forma que bem entender, isso não é verdade.<sup>49</sup>

(16) O Facebook ficará com uma parcela do valor de cada transação, embora a companhia não tenha revelado a porcentagem.<sup>50</sup>

No período (16), ao chegarmos em “valor de cada transação”, já teremos apreendido o núcleo significativo do período de forma que o que

---

<sup>48</sup>[http://odia.terra.com.br/portal/mundo/html/2010/10/lodo\\_toxico\\_chega\\_ao\\_rio\\_danubio\\_embora\\_me\\_nos\\_contaminante\\_115361.html](http://odia.terra.com.br/portal/mundo/html/2010/10/lodo_toxico_chega_ao_rio_danubio_embora_me_nos_contaminante_115361.html). Acesso em: 07-10-2010.

<sup>49</sup><http://www.brfutebolaovivo.com>. Acesso em: 10-01-2011.

<sup>50</sup><http://www1.folha.uol.com.br/tec/907846-facebook-entra-no-mercado-de-compras-coletivas.shtml>. Acesso em: 24-04-2011.

se segue, a começar de *embora*, contém ideias menos importantes. O que acontece, então, é o seguinte: como o essencial já foi dito, o secundário torna-se quase desprezível, sendo provável que o leitor desse texto não leia o que se segue.

Contudo, essa oração encerra ideias indispensáveis ao verdadeiro sentido da primeira oração: o *Facebook* ficará com uma parcela do valor de cada transação de qualquer forma, apesar de não ter revelado a porcentagem da parcela retida dos seus consumidores. Não há atenuantes. A ideia de “ficar com uma parcela do valor de cada transação” não está sujeita a condições.

Por outro lado, no período (15) criou-se uma preparação do leitor para o que está por vir. Ele sabe que algo será contrastado na oração seguinte, a principal, ou seja, sabe que a mensagem relevante é contrária ao que acabou de ler: não é verdade “que o que está na internet pode ser copiado, reproduzido e utilizado da forma que bem entender”. Por isso, a oração concessiva anteposta à oração principal seria de leitura obrigatória, forçada, para que se chegue ao fato primordial. A esse período, Garcia (2004) chama “tenso” ou “coeso”, e diz que esse tipo de construção aparece com mais frequência no estilo oratório assim como na argumentação de um modo geral.

Já as orações concessivas intercaladas entram no mecanismo de topicalização de elementos da oração principal. No excerto (17), por exemplo, a concessão destaca o sujeito:

(17) James Levine, embora permaneça como diretor musical, não sobe ao pódio – pela primeira vez desde 1971, quando assumiu o posto na casa novaiorquina.<sup>51</sup>

Nesses casos, em que a concessão vem imediatamente após o sujeito da oração principal, as duas orações têm o mesmo sujeito, correferentes, e a concessiva gera um zeugma. Consoante Neves (1999, p. 568), “essa colocação parece operar num mecanismo de acentuação do caráter tópico do sujeito”.

A noção de escolha, dessa forma, implica a comparação, ainda que essa comparação se dê no nível do inconsciente, isto é, ainda que o enunciador não se dê conta de que a realiza. Ele busca, em seu armazém

---

<sup>51</sup><http://oglobo.globo.com/blogs/clubedomaestro/posts/2012/02/24/anna-o-met-em-2012-13-433176.asp>

de possibilidades, aquela palavra ou aquela construção que mais especificamente atende ao seu propósito e, para isso, compara as opções que tem a sua disposição. Trabalha-se, portanto, no nível da estilística, que promove impactos, como não poderia deixar de ser, no nível da sintaxe (DUTRA, 2011).

## 5. *Considerações finais*

Ao observarmos o exame semântico e argumentativo das construções concessivas e adversativas, observamos que a escolha de uma construção ou de outra é proposital: é o falante quem busca em seu arsenal de opções uma ou outra construção a fim de atender verdadeiramente seus propósitos comunicativos. É o fator pragmático que interessa para essa análise e não uma simples definição das conjunções.

Ao longo deste trabalho, foram feitas descrições que atendiam ao uso real da língua. Acredita-se que um exame meramente estrutural não mais é válido para os estudos da língua, somando a esse exame a análise discursiva.

No mais, cabe ainda mencionar que a teoria da semântica argumentativa deveria ser de aplicação obrigatória nos ensinamentos de língua materna, uma vez que a defasagem do ensino estruturalista é patente em nossas escolas. Basta atentarmos para a superficial classificação escolar das conjunções aqui estudadas para nos conscientizarmos disso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística* (dizer e não dizer). São Paulo: Cultrix, 1976.

\_\_\_\_\_. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. São Paulo: Global, 1981.

\_\_\_\_\_. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

DUTRA, Vânia L. R. Estilística e sintaxe: perspectiva semiótico-funcional. *Anais do XVI Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina*. Universidad de Alcalá de Henares. Madrid, Espanha, junho de 2011.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 24. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A interação pela linguagem*. 10. ed., 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. As construções concessivas. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Gramática do português falado*, vol. VII: novos estudos. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: UNICAMP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.